

Quem ainda tinha dúvida sobre o crescimento econômico do País é obrigado hoje a curvar-se ante a realidade traduzida nos números, ontem divulgados pelo IBGE, sobre o aumento da produção industrial brasileira. A expansão do setor em 1994 foi de 7,6% em relação a 1993 - o segundo ano consecutivo de resultados positivos depois de 1990. Em dezembro último esse crescimento foi de 17,2% em relação ao mesmo mês do ano passado, indo além dos resultados de fevereiro de 1987, durante o Plano Cruzado, quando se registrou, no setor, o mais elevado nível de atividade.

A primeira coisa a ressaltar, que surge dos índices do IBGE, é que o programa de estabilização, e mais particularmente o Plano Real, foi o responsável pela expansão industrial de 1994. Ele estimulou a demanda e obrigou o setor a produzir mais, para aumentar a oferta interna e competir, em posição vantajosa, com os produtos importados. Não é por acaso que dissemos que o aumento de 1994 ocorre com ímpeto redobrado a partir do momento da introdução da nova moeda e da consequente queda dos índices de inflação. Observa-se, por exemplo, que o crescimento in-

dustrial que no primeiro semestre do ano passado em relação ao mesmo período em 1993 fora de apenas 4,6%, de julho a dezembro, isto é, depois da troca da velha moeda pela nova moeda, foi de 18,2%. Haverá prova mais evidente do que essa sobre o papel desempenhado pelo Plano Real para o aumento da produção industrial?

Outro aspecto importante e que deve igualmente ser salientado no aumento da produção industrial brasileira é o que se relaciona com a sua qualidade. O setor que mais cresceu, em 1994, foi o de bens de capital. Se no ano anterior o crescimento foi puxado pela produção de bens de consumo, em 1994 a situação se inverteu em favor dos bens de capital, cujo crescimento, em dezembro último, foi de 31%, comparado com o do mês anterior. No ano, a variação acumulada foi de 18,6%. Diante de tais cifras, desfaz-se de uma vez por todas o temor propalado por análises, e amplamente difundido na opinião públi-

ca, de um crescimento desequilibrado da produção industrial de bens de consumo. Tudo se passa justamente ao contrário.

Se é verdade que o setor de bens de capital é que comanda o aumento da produção industrial brasileira, eis aí uma indicação concreta de que os empresários estão investindo, em escala ponderável, na ampliação e na renovação do parque industrial do País. A balança comercial, por sua vez, tem assinalado o crescimento constante - e a superação em dezembro último em mais de US\$ 1 bilhão - da importação de bens de capital ante os de consumo. Uma indicação que ajuda, de maneira irrefutável, a derrubar o mito de que tem sido exagerada a importação de bens de consumo. Tecla, como se sabe, em que sempre batem os adversários, velados ou não, da abertura da economia nacional.

Finalmente, é um dado altamente positivo o reflexo do aumento da produção industrial na diminuição da taxa de desemprego

no País. Os números apurados na Grande São Paulo pela pesquisa mensal de janeiro realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), e divulgados neste começo de semana, mostram que houve redução de 12,2% dos desempregados em relação a dezembro. Os índices da FIESP confirmam os do DIEESE - 7.808 pessoas foram empregadas na indústria de São Paulo em fevereiro. Um número pequeno, mas que nem por isso deixa de ser importante - revela uma tendência.

Num plano político mais geral e numa visão de longo prazo, o aumento da produção industrial, à medida que traduz resultados positivos do programa de estabilização e de combate à inflação, induz-nos a prosseguir apoiando e estimulando todo e qualquer esforço feito nessa direção.

E se a meta do País é a do desenvolvimento sustentado, hoje, mais do que nunca, ficou evidente para a grande maioria que isso só será possível com o desdobramento, em diferentes momentos, da política de estabilização e de controle da inflação, agora fortalecida pelo Plano Real.

Economia Brasil Onde estamos investindo